

Cada um tem seu jeito de chegar

Teresa Cardoso

BRASÍLIA — Os dois candidatos que lideram as pesquisas eleitorais têm estilos completamente diferentes de fazer corpo-a-corpo na campanha, embora detendo públicos igualmente numerosos para ouvi-los nos seus comícios. Na sua maneira apressada de descer do avião, comandar aos gritos uma carreata e fazer um discurso de cinco minutos em cima de um palanque, Fernando Collor costuma demorar-se numa cidade exatamente o tempo que Leonel Brizola leva para pôr no colo e afagar o filho de um eleitor.

Visitando até oito cidades do interior por dia, Collor desce do seu avião normalmente sem tempo para dar entrevistas aos repórteres locais e também sem espaço na agenda para conversas com as lideranças políticas que o esperam. De cima da caminhonete que conduz a carreata, ele vai repetindo os gestos que fazem sua marca registrada: levanta os braços, põe as duas mãos fechadas sobre o peito, ergue os dois polegares e pede "não me deixem só".

Quando desce do avião que o conduz, geralmente com uma hora de atraso (o desrespeito a horários é a única semelhança entre os dois), Brizola se deixa levar pela multidão que o cerca, abraça crianças, conversa sobre João Goulart, promete construir hospitais e não deixa de responder a todas as perguntas da imprensa local. Na viagem que fez esta semana a Bom Jesus (GO), ele recebeu retratos de Getúlio Vargas para autografar, prometeu a uma enfermeira aumentar os salários da categoria e garantiu a um secundarista que construirá um Ciep na cidade.

Collor evita conversas prolongadas com eleitores. Em Uberaba, no dia 15, ao entrar na casa do bispo da cidade, Dom Benedito Ulhôa, foi abordado por um animado eleitor. "Collor, aqui em Uberaba você ganha disparado", disse. "É mesmo? Eu não sabia", respondeu, com ar de deboche. Brizola, por sua vez, gosta de conversar pelo menos um minuto com cada eleitor que pára para cumprimentar. Mas que ninguém se atreva a interrompê-lo: corre o risco de ouvir uma frase que já usou contra uma eleitora que, enquanto Brizola conversava com outro grupo em frente ao Ciep Tancredo Neves, insistia para que ele conseguisse uma vaga na escola para seu filho: "Quando um burro fala o outro baixa a orelha", disse o candidato.